



SEGUNDA CANÇÃO AUSTRIACA

Canta, ó alvar pomba,
sem tranca ou janela,
enquanto o dia tomba
e a noite se estrela,

enquanto o desejo
de ter-te por perto,
é o sol com que vejo
meu próprio deserto.

Ó água para o oásis
na boca que desses
àquilo que fazes
com tantas benesses:

canta à embriaguez
de fundo de taça,
ó Rainha de Reis,
ó Maria de graça!

Nas dores mais certas,
que tem cicatrizes,
tuas mãos, se abertas,
doam-me perdizes.

Ó nuca das tranças
soltando cabelos,
cobrindo crianças
com a festa dos pelos!

Ó eternamente alva,
que além mais esteja,
e que em Deus se espalma,
quando em Deus se veja!

Canta, canta, canta
para mais espaços,
como a onda que ainda anda,
como o voo dos pássaros!

Até nos teus pés,
até nos teus lábios,
canta-me através
de sóis e astrolábios.

Canta-me, ó alvar boca
sem tranca e janela,
na estrela que é pouca
à luz que é mais bela.

Canta eternamente
e até que, sem fim,
eu morra contente,
levando-te em mim...

A MESMA CANÇÃO AUSTRIACA DE SEMPRE

Essa música sem fim
para tudo o que perdi,
essa música, essa música
a cantar por outra voz,

é da vida que me volta
como se numa outra vez,
cantando para quem, surdo,
não a escuta mais agora.